

**UM ESTUDO DO PORTUGUÊS DO BRASIL:  
CONSTRUÇÕES DE TÓPICO OU FIGURAS DE SINTAXE?**

*Jacson Baldoino Silva* (UNEB)

[jacsonsilva@outlook.com](mailto:jacsonsilva@outlook.com)

*Lucia Maria de Jesus Parceró* (UNEB)

[lmparceró@hotmail.com](mailto:lmparceró@hotmail.com)

**RESUMO**

Durante muito tempo se acreditou que o português brasileiro fosse uma língua com proeminência de sujeito, sendo toda estrutura que fugisse desse tipo de predicação considerada como má formação, devendo ser evitada. No entanto, estudos como de Eunice Pontes (1987), Charlotte Galves (1998), Sérgio Leitão Vasco (2006), Edivalda Alves Araújo (2006, 2009) têm demonstrado que o português brasileiro pode se organizar tanto numa relação de sujeito-predicado, como de tópico-comentário. Com isso, este trabalho analisará os exemplos trazidos por Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2001) para algumas figuras de sintaxe, sendo objeto direto pleonástico, prolepse e anacoluto, com o objetivo de desconstruir a ideia de má formação dessas construções; porque se analisadas a partir da predicação de tópico-comentário são construções que estão dentro da ordem pedida para esse tipo de predicação. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica e análise de dados, sendo estes os exemplos trazidos por Celso Ferreira da Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2001) para cada figura aqui estudada.

**Palavras-chave:** Sintaxe. Anacoluto. Prolepse. Pleonasma. Tópico.

## **1. Introdução**

A sintaxe é a parte da gramática normativa (ou gramática tradicional) responsável por estudar a ordem dos constituintes na sentença e as relações estabelecidas entre eles; ensinada pelas instituições escolares e que deve ser aprendida como regra do bem falar e escrever. Contudo, para a linguística gerativa, a sintaxe não se limita somente a regras do bem falar e escrever, mas é uma faculdade mental que lida com a combinação de frases; sendo dever do linguista explicitar as regras usadas por cada falante em determinada língua.

É a partir dessa ideia do bem falar e escrever que as gramáticas normativas estabeleceram uma ordem canônica para as construções dentro do português brasileiro, sendo sujeito-verbo-complemento. Ou seja, todas as construções dentro do português brasileiro, para serem consideradas “boas” construções, devem estar dentro desse padrão de formatação. No entanto, estudos, como o de Eunice Pontes (1987) – pioneiro no

Brasil –, Charlotte Galves (1998), Eivalda Alves Araújo (2006, 2009), Sérgio Leitão Vasco (2006), têm demonstrado que o português brasileiro não possui uma única forma de organizar os constituintes na sentença, podendo articular-se tanto numa relação de sujeito-predicado, como de tópico-comentário. Todavia, as gramáticas normativas consideram as construções que estão fora do padrão como um desvio ou má formação, devendo ser rejeitadas.

Nesse contexto, a proposta deste artigo é uma breve discussão sobre algumas definições e exemplos apresentados pelas gramáticas normativas como figuras de sintaxe<sup>227</sup>, particularmente os de prolepse, anacoluto e pleonismo, neste, especificamente, o objeto direto pleonástico. Comparando essas figuras com algumas definições para as construções de tópico propostas por Eivalda Alves Araújo (2009). Nosso objetivo é demonstrar que se analisadas a partir de outra predicação essas estruturas são possíveis dentro de línguas com proeminência tanto para tópico, como para sujeito – como o português brasileiro. Como podemos perceber em (1) o qual, segundo Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2001, p. 626), é um objeto direto pleonástico que geralmente tem seu objeto direto deslocado para o início da sentença e o retoma internamente na oração como forma de realçá-lo. Mas, se analisada a partir da predicação tópico-comentário, teremos um tópico pendente com retomada por um pronome pessoal (oblíquo) na posição de objeto direto (ARAÚJO, 2009).

(1) **As posições**, conquistara-as umas após outras.

Assim, na primeira seção apresentaremos os conceitos teóricos básicos para essa discussão, como o conceito de tópico e as classificações propostas por Eivalda Alves Araújo (2009) e as definições das figuras de sintaxe apresentadas por Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2001). Depois, na segunda seção, apresentaremos os exemplos trazidos pela gramática normativa e os analisaremos a partir da perspectiva das construções de tópico. A metodologia utilizada neste trabalho foi de pesquisa bibliográfica e análise de dados encontrados na gramática normati-

---

<sup>227</sup> Segundo Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1999) é necessário fazer uma distinção entre figuras de sintaxe, de pensamento e de palavras. A primeira refere-se a outra organização daquela esperada (sujeito-verbo-complemento) e/ou uma concordância irregular. As figuras de pensamento é a expressão de uma ideia diferente daquela proposta pelo enunciado em sua forma linguística. E as figuras de palavras ocorrem quando um novo significado é atribuído a determinada palavra. Assim, todas as vezes que nos referirmos a 'figuras' o estamos a partir da definição de 'figuras de sintaxe' proposta pelos autores.

va de Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2001), citados como exemplos para as figuras de sintaxe analisadas neste trabalho. Assim, concluímos que as construções definidas como má formações ou desvios da língua, dentro da predicação tópico-comentário são construções possíveis de acontecer e não só possíveis, mas acontecem como mostraram estudos anteriores.

## 2. *Conceitos Teóricos*

### 2.1. A tipologia das línguas

Os compêndios de gramática normativa tomam o português brasileiro como uma língua na qual predomina a estrutura de sujeito-predicado, ou seja, uma língua de primeiro tipo segundo a tipologia de Li e Thompson (1976 *apud* PONTES, 1987). Segundo essa tipologia as línguas podem se articular numa predicação de sujeito-predicado ou tópico comentário, e podemos agrupá-las em quatro grupos:

- a) línguas com proeminência de sujeito, em que a estrutura das sentenças é mais bem descrita como de sujeito-predicado;
- b) línguas com proeminências de tópico em que a estrutura das Ss é mais bem descrita como de tópico-comentário;
- c) línguas com proeminência de tópico e sujeito, em que há as duas construções diferentes;
- d) línguas sem proeminência de sujeito ou tópico, em que o sujeito e o tópico se mesclaram e não se distinguem mais os dois tipos (LI & THOMPSON, 1976 *apud* PONTES, 1987, p. 11).

Com isso, muitos estudos têm se perguntado “onde se situa o português? Sempre se considerou o português como uma língua com proeminência de sujeito” (PONTES, 1987, p. 11). Essa preferência por considerar o português brasileiro como uma língua de sujeito era devido aos poucos estudos dedicados ao português oral, ou seja, as gramáticas normativas sempre deram maior importância à língua escrita e as pesquisas linguísticas na época, com suas devidas exceções, não se preocupavam em descrever a organização da língua oral. Mas, nos últimos anos, esse quadro mudou. Estudos que tomam como objeto a língua oral são desenvolvidos em todas as instâncias, seja fonética, morfológica ou sintática. Por isso, que nesse trabalho, optamos por um *corpus* escrito (e encontrado nas gramáticas normativas), modalidade na qual se tem uma menor quantidade de construções de tópico devido à tradição gramática brasileira “que contribui para que essas construções não apareçam na língua es-

crita moderna no Brasil em tão grande abundância quanto na oral”. (PONTES, 1987, p. 64)

Assim, houve um considerado avanço na pesquisa da língua oral e alguns estudos (PONTES, 1987; VASCO, 2006; ARAÚJO, 2006) começaram a situar o português brasileiro como uma língua de terceiro tipo: com proeminência de tópico e de sujeito como construções diferentes<sup>228</sup>.

O sujeito possui uma função sintático-semântica, sendo aquele sobre o qual se declara algo (FARACO & MOURA, 1999; CUNHA & CINTRA, 2001). Sintática, porque é ele o responsável por gerar a concordância na frase, como em (2); e semântica, por desempenhar a função de agente: aquele que realiza a ação, como em (3).

- (2) a. O aluno obteve uma boa nota.  
b. Os alunos obtiveram uma boa nota.
- (3) Carlos lê os jornais.

O tópico, por sua vez, possui uma função sintático-discursiva. Nesse tipo de construção existe um elemento deslocado para o início da sentença, que pode ou não possuir um lugar interno na oração; podendo até ser o responsável por gerar concordância nas frases, como o Tópico Sujeito. É discursiva porque o tópico é uma informação compartilhada entre os falantes, responsável por direcionar o discurso. Entendo discurso como o “estudo das unidades linguísticas amplas, cada uma das quais tem uma função comunicativa definida” (TRASK, 2004, p. 84), o tópico será “um elemento que faz parte da estrutura da informação [novo ou velho], estando geralmente relacionado à pressuposição, de conhecimento comum entre os interlocutores” (ARAÚJO, 2006, p. 33). Ou seja, sua função é estabelecer um quadro de referência para o que será dito no comentário (PONTES, 1987). Sintaticamente o tópico é um elemento deslocado do seu lugar canônico para a periferia esquerda, ou seja, “o que é pressuposto ou de conhecimento partilhado tende a ser colocado à esquerda, no início da oração, e o que é novo, geralmente, no final da oração”. (ARAÚJO, 2006, p. 82)

Nesse trabalho adotamos a classificação de tópico proposta por

---

<sup>228</sup> Estudos, como o de Ana Terra Munhoz (2011), têm demonstrado que em alguns momentos o *tópico* e o *sujeito* se mesclam no português brasileiro e torna-se difícil sua distinção, como no Tópico Sujeito. Nesse o sintagma que está no início da oração não é o sujeito, mas o tópico, mas gera concordância com toda a frase; tornando-se um *tópico-sujeito*.

Edivalda Alves Araújo (2009):

1. *Topicalização do Objeto Direto (TOD)*: um sintagma com função de objeto direto deslocado à esquerda sem retomada clítica:

(4) *os pés de café* trocô.<sup>229</sup>

2. *Tópico Pendente Com Retomada*: o sintagma que está no início da sentença possui uma relação semântica com o resto da sentença, porque é retomada internamente por outro elemento:

(5) *Jogo*, naquele tempo *o futebol* era mais efetivado ainda.

3. *Tópico Cópia*: o sintagma que inicia a sentença é retomado internamente a esta por um elemento idêntico a ele (cópia):

(6) agora, *Teofil’Otone*, num conhecido *Teofil’Otone* direito.

4. *Tópico Sujeito*: nesse tipo de tópico o sintagma que inicia a sentença, geralmente, não é um sujeito, mas um tópico que estabelece concordância com os elementos da sentença:

(7) a. *Os jogadores* estão crescendo o cabelo.

b. *Os jogadores* está crescendo o cabelo.<sup>230</sup>

5. *Tópico Pendente*: opondo-se ao tópico pendente com retomada, esse tipo de tópico possui um sintagma no início da sentença que se liga semanticamente ao resto da sentença, mas não é retomado por nenhum elemento interno na sentença:

(8) *médico* sempre ai nas Serra, nesse Rapa mermo tem um posto.

6. *Duplo Sujeito*: um sintagma é deslocado para o início da sentença e retomado por um pronome pessoal na posição sintática de sujeito:

(9) *A sussuarana*, *ela* pensa carnêro tá no mato [...].

7. *Topicalização Selvagem*: temos um sintagma preposicional deslocado para o início da sentença, mas durante esse movimento sua preposição é apagada:

---

<sup>229</sup> Todos os exemplos para os tipos de tópico são de Edivalda Alves Araújo (2009)

<sup>230</sup> Nesse exemplo o sintagma nominal que sintaticamente é o sujeito é “o cabelo”, mas se a frase gerar concordância com ele fica truncada.

(10) *Futebol*, a gente brincava, né...

8. *Tópico Locativo*: um sintagma preposicional com ideia de lugar é deslocado para o início da sentença regido por sua preposição.

(11) *pra Conquista* ela sempre vai, mais eu... mas só.

## 2.2. As figuras de sintaxe

Segundo Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1999), figuras de sintaxe “decorrem da disposição inesperada, incomum das palavras na frase ou ainda de concordância irregular. São consequência de um desvio na estrutura-padrão da frase” (FARACO & MOURA, 1999, p. 573). São frases que se organização não numa coesão gramatical, mas buscam uma coesão significativa (CUNHA & CINTRA, 2001) que responda ao contexto e à situação na qual estão inseridos seus produtores. Portanto, as figuras de sintaxe correspondem a uma necessidade de maior expressividade por parte do falante, ainda que para isso acha necessidade de um desvio da ordem canônica; esse desvio não deve ser analisado com certo ou errado, mas como adequado ou inadequado, pois correspondem às necessidades dos falantes.

Neste trabalho, limitamo-nos a analisar as definições de apenas três figuras de sintaxe, a partir de Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2001), sendo o objeto direto pleonástico, a prolepse e o anacoluto. Segundo os autores, o pleonasma “é a superabundância de palavras para enunciar uma ideia” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 625), sendo o objeto direto pleonástico a colocação do objeto direto no início da sentença, sendo retomado na sua posição interna à oração pelos pronomes pessoais átonos de terceira pessoa (singular e plural). Este objeto pleonástico pode ser tanto direto, como indireto. Mas neste trabalho nos limitaremos ao objeto direto.

A prolepse é a antecipação “de um termo de uma oração para outra que a preceda, com o que adquire excepcional realce” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 628); nessa figura o elemento que está deslocado possui um lugar interno na sentença, ou seja, possui uma relação sintática com os constituintes. Enquanto que o anacoluto, responsável por uma “mudança de construção sintática no meio do enunciado” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 630) não possui. Essa figura apresenta na sua construção sintática uma mudança, marcada geralmente por uma pausa sensível. No anacoluto o sintagma que quebra a estrutura, e que está geralmente no

início da sentença, não possui nenhuma ligação sintática com os outros elementos da sentença.

### 3. O Corpus

O *corpus* é formado pelos próprios exemplos, para cada figura de sintaxe aqui analisada, trazidos por Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2001). Durante a análise, mostraremos as convergências entre as definições de figuras de sintaxe e construções de tópico, e analisaremos os exemplos também a partir da predicação tópico-comentário.

Como já foi dito, na figura de sintaxe ‘pleonasmos’ analisaremos, particularmente, o objeto direto pleonástico. Para esse tipo de pleonasmos Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2001, p. 626) nos dão três exemplos, sendo:

(12) *As posições*, conquistara-as uma após outras (C. dos Anjos)

(13) *Paisagens*, quero-as comigo (Fernando Pessoa)

(14) *Meu saco de ilusões*, bem cheio tive-o (Mário Quintana)

Antes de tudo, destacamos que todos esses três exemplos, assim como os outros que viram, são retirados de obras literárias, ou seja/ estruturas pensadas e repensadas, as quais passaram por um processo de ‘polimento’, como dizem os artistas e críticos literários, para chegarem ao que são. Logo, temos um discurso planejado, em oposição ao discurso relativamente não planejado do *corpus* analisado por Edivalda Alves Araújo (2009)<sup>231</sup>, no qual “os falantes se fiam mais no contexto imediato para se comunicar. (OCHS *apud* PONTES, 1987, p. 48)

Para Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2001) o pleonasmos é um uso desnecessário de várias palavras para se dizer a mesma coisa, ou enuncia a mesma ideia; podendo chegar numa tentativa de reproduzir a fala. Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1999) convergem com os autores quando afirmam que o pleonasmos “é o emprego de palavras ou expressões de significado semelhante, próxima uma das outras, para reforçar uma ideia” e que seria “um vício de linguagem

---

<sup>231</sup> O *corpus* da autora é oral de língua materna e foi constituído por 26 inquéritos de quatro comunidades rurais afro-brasileiras isoladas do estado da Bahia.

quando não obedecem a finalidades estilísticas. Nesse caso, deve ser evitado” (FARACO & MOURA, 1999, p. 585). Ou seja, o pleonasma só seria permitido como recurso estilístico, por isso os exemplos (12) – (14) foram retirados de obras literárias.

No entanto, cada falante é autor de sua própria fala e nela atua de forma direta, possuindo uma intenção. E, segundo Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1999), é essa intenção do autor que fundamenta o uso das figuras, não devendo estas serem “consideradas como ‘enfeites’ ou ‘ornamentos’”. Seu emprego tem um objetivo: alcançar uma maior expressividade” (FARACO & MOURA, 1999, p. 572). Sendo essa busca de uma maior expressividade que nos leva, “com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas nas estruturas frásicas ditas por moldares” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 619).

Se analisadas a partir da tipologia proposta por Edivalda Alves Araújo (2009) para as construções de tópico, as sentenças em (12) – (14) possuem uma estrutura de tópico, sendo todas de ‘tópico pendente com retomada’. Nesse tipo de construção sintática temos um elemento que inicia a sentença, semanticamente ligado a ela, sendo depois “retomado por um elemento interno à oração” (ARAÚJO, 2009, p. 236). Assim, percebemos que em (12) o elemento “as posições” está semanticamente ligado à sentença e sintaticamente retomado pelo pronome pessoal “as”; o mesmo acontece com “paisagens”, em (13), e “meu saco de ilusões”, em (14), com a diferença de que o pronome que retoma este é o pessoal “o”. Podemos levantar a hipótese de que isso se dá pelo fato dos SNs serem temas que direcionam o discurso<sup>232</sup>, como em (13) que é o início de um poema de Fernando Pessoa intitulado “Paisagens, quero-as comigo”, ou seja, o leitor já espera que o eu-poético vá falar sobre paisagens. Logo é uma informação compartilhada entre ambos, podendo ser colocado no início da sentença como realce e direcionamento discursivo.

O exemplo trazido por Edivalda Alves Araújo (2009, p. 237) para a retomada de um elemento na posição de objeto direto é feita com um pronome pessoal do caso reto:

(15) *A cana... cê pranto ela... ela broto.*

Para a prolepse os exemplos apresentados por Celso Cunha e Luís

---

<sup>232</sup> Ainda trabalhamos pelo viés da linguística textual que entende como discurso qualquer fragmento conexo, seja ele de escrita ou fala.

Filipe Lindley Cintra (2001, p. 628) são:

- (16) *Os pastores* parece que [ \_ ] vivem no fim do mundo  
(Ferreira de Castro)
- (17) *O próprio ministro* dizem que [ \_ ] não gostou do ato  
(Machado de Assis)
- (18) Nas porteiras ou nos terreiros das fazendas, *as pessoas que a gente vê* parece que [ \_ ] brincam de tomar conta da natureza (Ribeiro Couto).

Em (16) – (18) podemos perceber um elemento deslocado para o início da sentença, mas que possui um lugar interno na oração, sinalizada pelo ‘[ \_ ]’. Segundo Edivalda Alves Araújo (2009), esse tipo de construção sintática é própria do ‘tópico pendente com retomada’, mas agora com uma retomada vazia na posição de sujeito. “Essa retomada se caracteriza pelo deslocamento de um elemento da posição de sujeito tanto de oração principal quanto de subordinada, ficando em seu lugar um elemento nulo” (ARAÚJO, 2009, p. 237). Percebemos isso de forma mais clara quando comparamos os exemplos de Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2001) com os de Edivalda Alves Araújo (2009), sendo (19) para deslocamento da oração principal e (20) para oração subordinada.

(19) *Aquela folha...* os menino saía, ia caçá, né, ai  $\emptyset$  bateu aqui nos óio do cachorro.

(20) *A cabra* diz que  $\emptyset$  é criada com cerca bem feita<sup>233</sup>.

Contudo, o exemplo (18), além de um ‘tópico pendente com retomada’, pode ser classificado também como um ‘tópico locativo’ já que há um sintagma preposicional “nas porteiras ou nos terreiros das fazendas” com ideia de lugar, deslocado para o início da sentença, regido por sua devida preposição – como (21)<sup>234</sup>.

(21) *Nas porteiras ou nos terreiros das fazendas*, as pessoas que a gente vê parece que brincam de tomar conta da natureza (Ribeiro Couto).

---

<sup>233</sup> Preferimos não alterar o símbolo ( $\emptyset$ ) proposto pela autora, que representa um elemento nulo.

<sup>234</sup> O adjunto adverbial pode indicar ideia de lugar, sendo seu lugar de origem no final da sentença, mas podendo ocupar qualquer posição quando deslocado.

Para os anacolutos, Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2001, p. 630) trazem os seguintes exemplos:

(22) *No berço*, pendente dos ramos floridos.

Em que eu pequenino feliz dormitava;

*Quem é que esse berço* com todo o cuidado

Cantando cantigas alegre embalava? (C. de Abreu)

(23) *Umás carabinas* que guardava atrás do guarda-roupa, *a gente brincava com elas*, de tão imprestáveis (J. Lins do Rego).

(24) Bom! bom! *eu parece-me* que ainda não ofendi ninguém! (J. Régio).

O problema das gramáticas normativas em relação a essas construções é sua análise puramente sintática dos elementos que iniciam as orações, porque os anacolutos são considerados construções sintáticas truncadas; começasse dizendo algo e depois há uma mudança na construção sintática, geralmente marcada por uma pausa sensível. No entanto, se analisadas num nível discursivo ou semântico, essas construções podem ser melhor entendidas: os sintagmas que iniciam a oração possuem uma ligação semântica com o restante da sentença. E essa é a definição de Edivalda Alves Araújo (2009) para as construções de ‘tópico pendente’ (sem retomada). Portanto, se para Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2001) o elemento “no berço” em (21) “ficou solta no período” (p. 631), para Edivalda Alves Araújo (2009) ele “tem uma relação semântica com a frase, mas não uma relação sintática” (p. 240). Como percebemos nos exemplos da autora:

(25) *Batuque* aí, botava era um... era um... era um cabuêro com tambô, subia em cima, o ôto ia tocá e... as muieres fazia, sambano.

(26) *A farinha...* pranto a mandioca, [*maduceu*]... leva um ano... um ano e pôco... rancô, chegô na casa de farinha, raspô... relô...botô na prensa... arrocho e tiro a água toda.

Em (23) temos um caso de ‘tópico pendente com retomada’ por um pronome correferencial: ‘eu’ e ‘me’; o que permite ao elemento manter uma relação tanto sintática quanto semântica com a sentença. Se

comparados com (26) e (27), exemplos de Edivalda Alves Araújo (2009, p. 236) para esse tipo de retomada, podemos perceber essa relação:

(27) *Eu*, dependeno de *mim*, e dependeno dessa qu'eu tenho, ela disse que: “óia Vardo por *mim*... tua ex-mullhé pode chega aqui pa conversa *comigo*.”

(28) *Eu*, *meu* nascimento é daqui mesmo, *minha* residência é aqui.

#### **4. Considerações finais**

Percebemos que as estruturas definidas como figuras de sintaxe são consideradas estruturas mal-formadas por se considerar o português brasileiro como uma língua com proeminência somente de sujeito. No entanto, o português brasileiro é uma língua de terceiro tipo, onde tanto as noções de tópico como de sujeito existem como construções diferentes, podendo até se mesclarem como no tópico sujeito. Portanto, os compêndios de gramáticas normativas devem reconhecer essa predicação do português e considerar as estruturas como construções possíveis de serem usadas por todos os falantes, em qualquer contexto de comunicação. Visto que mesmo em redações de artigos (textos formais) se tem “a tendência para colocar o tópico no início da S [sentença] é forte. A norma gramatical contra o uso do que os gramáticos chamam de ‘anacoluto’, e então o escrito que internalizou estas normas ‘conserta’ as frases”. (PONTES, 1987, p. 39)

O uso de construções que priorizem a relação sujeito-predicado ou tópico-comentário é, muitas vezes, uma questão de prestígio social, já que no Brasil temos uma forte tradição gramatical que reconhece como “boas” construções as que se relacionam a partir de sujeito-predicado. Mas com esse trabalho percebemos que o ‘objeto direto pleonástico’, pode ser definido também como ‘tópico pendente com retomada’, tornando-se não um vício ou má construção, mas uma construção ‘canônica’ dentro do português brasileiro. Da mesma forma os anacolutos são construções de ‘tópico pendente’ (sem retomada). E os exemplos de prolepse encaixam-se na definição de ‘tópico pendente com retomada’ e na de ‘tópico locativo’. Reafirmando que o português é uma língua com proeminência de ambas predicações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Edivalda Alves. *As construções de tópico do português dos séculos XVIII e XIX: uma análise sintático-discursiva*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

\_\_\_\_\_. *As construções de tópico*. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. – 3 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática*. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999.

GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, vol. 34, p. 19-32, 1998. Disponível em:

<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637048/4770>>.

MUNHOZ, Ana Terra. *A estrutura argumental das construções de tópico-sujeito: o caso dos sujeitos locativos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Brasília. Brasília, 2011.

PONTES, Eunice. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad.: Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch e Thaís Cristóforo Silva. São Paulo: Contexto, 2004.

VASCO, Sérgio Leitão. *Construções de tópico na fala popular*. 2006. Tese (de Doutorado em Língua Portuguesa). – UFRJ/FL, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp002148.pdf>>. Acesso em: 28/04/2017.